

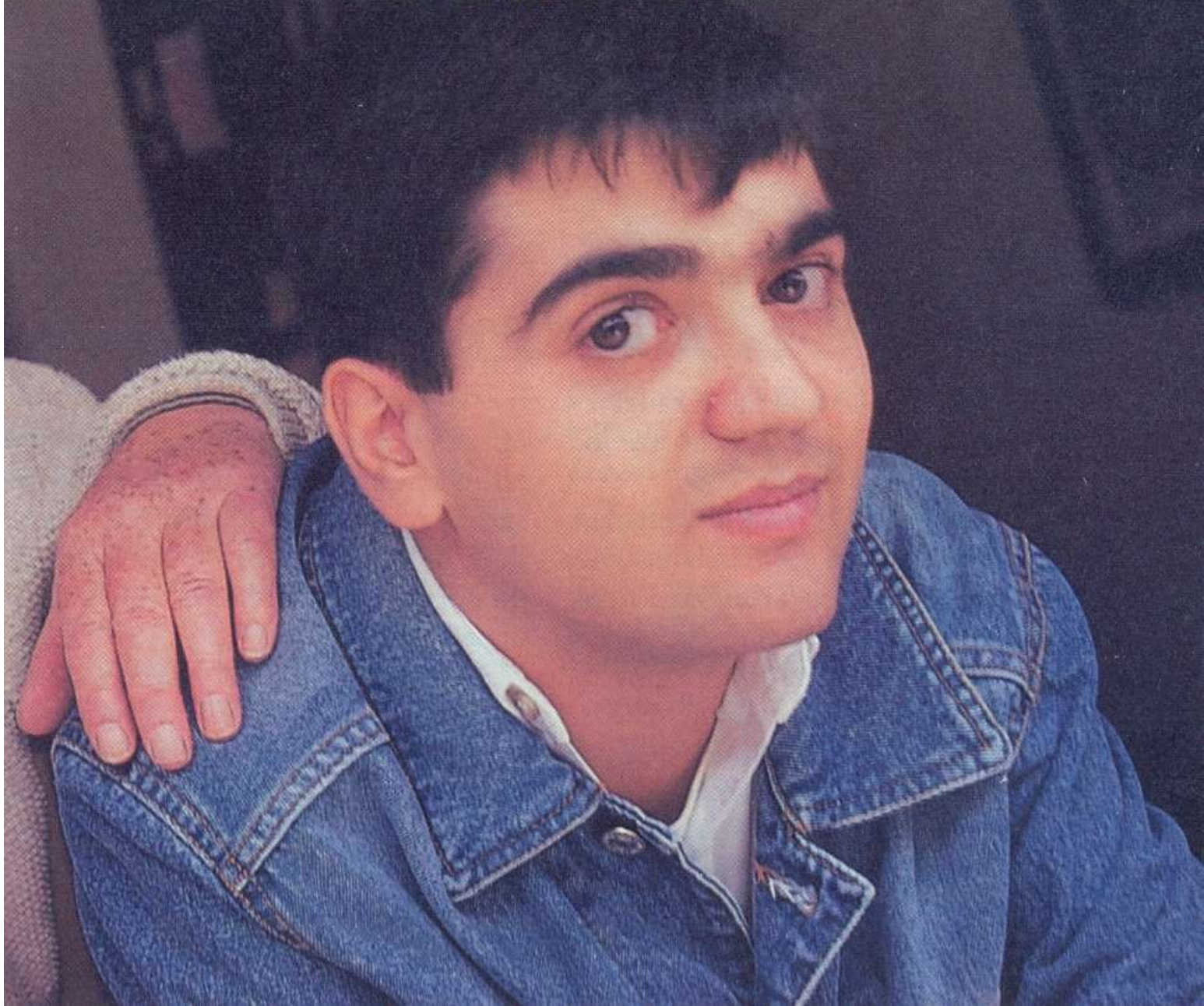
Os efeitos da morte prematura de Nicholas Green continuam a se propagar

Reg Green com Andrea Mongiardo, que recebeu o coração de Nicholas, filho de Reg.



Presente para o mundo

POR ROBERT KIENER



INCLINANDO-SE sobre a mesa de jantar coberta por uma toalha de renda, Andrea Mongiardo fala baixo mas intensamente sobre o novo emprego, cortando o ar com as mãos para se fazer entender melhor. “Ajudo meu tio”, explica. “Administramos imóveis.”

O jovem de 23 anos e 1,60 metro de altura conversa sobre os planos para sua carreira, enquanto o som de buzinas se eleva da rua até o apartamento da família, nos arredores de Roma.

No tempo livre, acrescenta, ele caminha em parques ou nada na piscina



Aquela decisão mudaria a vida de milhares de pessoas.

municipal. “O melhor de tudo é que tirei a carteira de motorista!”

Ao ver o entusiasmo do jovem, o visitante americano de 74 anos, Reg Green, sorri e diz:

– Bravo! E você tem namorada?

– Bem... – começa ele, ruborizado. Green dá uma risada.

É uma conversa simples, mas ao mesmo tempo extraordinária. Oito anos antes, Andrea Mongiardo encontrava-se terrivelmente doente no Hospital Menino Jesus, em Roma. A pele estava azul; as faces, encovadas. Uma malformação cardíaca, que lhe interrompera o crescimento e muitas vezes o prendia à cama, agora o estava matando.

Os médicos não lhe davam mais

do que algumas poucas semanas de vida. Então, no dia 1º de outubro de 1994, um menino de 7 anos morreu em Messina, na Sicília. O coração foi levado às pressas para Roma e transplantado em Mongiardo.

Um dia depois, a cor voltava ao rosto do adolescente. Em poucas semanas, ele estava andando.

Há pouco tempo fez um eletrocardiograma. “Sempre fico um pouco apreensivo. Mas o médico me tranquilizou: ‘Relaxe. Seu coração está perfeito.’”

Reg Green pousa a mão no ombro do rapaz e o abraça. Foi o coração de

seu filho Nicholas que salvou Mongiardo da morte.

“Sim, Andrea”, diz ele, segurando as lágrimas, “era um coração bom, forte. E agora é o seu coração.”

HÁ OITO ANOS, assaltantes atiraram em Nicholas Green, um garoto com sardas no rosto, da Califórnia, quando a família passeava numa estrada do sul da Itália nas férias. Dois dias depois, ele morreu.

A história, a morte absurda de uma criança indefesa, poderia ter acabado aí. Mas Reg e Maggie Green tomaram uma decisão que mudaria para sempre sua vida e a de milhares de pessoas em várias partes do mundo. Eles doaram os órgãos do filho.



Domenica Galleta agora pode ver os filhos, graças à córnea de Nicholas.

“Parecia o certo a fazer”, conta Reg. “Nicholas se fora. Queríamos que sua morte ajudasse os outros.” Em poucas horas, sete italianos, alguns frente a frente com a morte, receberam as córneas, os rins, o fígado, as ilhotas pancreáticas e o coração do menino.

A notícia da generosidade do casal se espalhou de imediato pela Itália. O apresentador de televisão Maurizio

Costanzo falou por muita gente quando disse aos Greens: “Vocês nos deram uma lição de civilidade.”

Reg, um ex-jornalista, percebeu que ele e a mulher podiam ajudar a educar outras pessoas sobre a doação de órgãos. Assim, eles concederam entrevistas, responderam a milhares de cartas, gravaram vídeos, deram palestras, escreveram vários artigos e um livro, além de terem colaborado num filme.

“Apenas contamos nossa história”, explica ele.

História que emocionou profundamente pessoas do mundo inteiro.

FAZER DIÁLISE é como estar na prisão”, resume Anna Maria Di Ceglie, 22 anos, costureira de Ruvo di Puglia, sul da Itália. Aos 14 anos, seus rins pararam de funcionar e ela precisava enfrentar exaustivas sessões de três horas de diálise a cada dois dias.

O transplante era a única esperança. Em 1994, porém, os níveis de doação de órgãos estavam muito baixos no sul do país. Anna Maria se perguntava se algum dia se livraria da máquina que controlava sua vida.

Uma semana depois, embarcava numa ambulância aérea com destino ao Hospital Umberto I, em Roma, onde recebeu um dos rins de Nicholas Green. “Eu renasci”, conta ela.

Apesar de se considerar “extremamente tímida”, Anna Maria deu palestras e entrevistas para promover a doação de órgãos.

Dois anos mais tarde, um menino de 16 anos, vizinho de Anna Maria, morreu num acidente de moto. Como ele sempre falava da história de Anna Maria, a mãe achou que o filho gostaria de ter seus órgãos doados. Ela autorizou a doação e várias vidas foram salvas.

“É a prova de que o efeito Nicholas permanece”, diz Vincenzo Di Ceglie, pai de Anna Maria. “É como uma pedra atirada num lago.” As ondulações na superfície vão se propagando.

Pouco tempo depois de uma mu-

lher assistir à versão italiana do vídeo dos Greens, seu filho morreu num acidente de carro. “Ela explicou que o vídeo a incentivou a doar os órgãos do filho”, recorda Reg Green. “Também começou a trabalhar como voluntária num hospital da cidade.”

Em 1999, Ilaria Perfetto, 13 anos, morreu de acidente vascular cerebral numa visita aos Estados Unidos. Os pais, Tomasso e Anna Perfetto, doaram os órgãos da filha. O coração, os rins e o fígado foram transplantados em quatro americanos. “É uma decisão difícil”, admitiu a mãe. Quando perguntaram ao casal o que os levara àquele gesto, os Perfettos citaram o exemplo de Reg e Maggie Green.

DESDE 1994 Reg Green fez cerca de 35 viagens à Itália. Ele e Maggie, com a filha Eleanor e os gêmeos Martin e Laura, inauguraram escolas, ruas e parques com o nome do filho. “As homenagens são maravilhosas”, diz Green. “Mas a verdadeira recompensa é ver como os receptores dos órgãos de Nicholas estão saudáveis.”

A ex-bailarina Silvia Ciampi estava inválida por causa da diabete antes de receber as ilhotas pancreáticas de Nicholas. Tino Motta, um menino de 11 anos, submetia-se a sessões extenuantes de diálise renal. Hoje, o alegre adolescente de 19 anos só tem uma cicatriz para lembrá-lo do antigo sofrimento. E há ainda Francesco Mondello, 52 anos, cujo trabalho de vendedor estava em risco porque uma malformação na córnea o impedia de dirigir.

Domenica Galleta, que mora na pequena cidade siciliana de San Filippo Superiore, também vinha perdendo a visão até receber uma das córneas de Nicholas. “Graças a ele”, diz a mulher de 33 anos, “hoje posso ver meus filhos, Laura e Antonio.”

Como outros receptores, Domenica se sente parte da família Green. Um pequeno cavalo de brinquedo, pintado com cores fortes, é o seu tesouro. “Era de Nicholas, e adoro tê-lo comigo”, conta, com orgulho.

Em 1994, Maria Pia Pedalà estava em condições críticas, vítima da doença de Wilson, distúrbio genético que lhe atacou o fígado. “Os médicos disseram a meu irmão que eu estava a um passo da morte”, recorda ela, em casa, na cidade de San

mas eu gostaria de lhes agradecer.”

Esse, porém, não é o único tipo de estímulo. “Desde que vocês perderam seu filho, meu coração bate mais rápido”, escreveu uma jovem de Roma. “Hoje eu acho que as pessoas comuns podem mudar o mundo. Quando forem visitar a sepultura de Nicholas, por favor digam a ele: ‘Nicholas, fecharam seus olhos, mas você abriu os meus.’”

Os Greens já fizeram e venderam cerca de 4 mil vídeos promovendo a doação de órgãos no mundo inteiro. Toda a renda do livro, das palestras, das doações e dos direitos cinematográficos é revertida para a Fundação Nicholas Green, que todo ano oferece uma bolsa a um médico italiano para que ele aprenda as últimas téc-

Os rins de Anna haviam parado. “Eu renasci”, conta ela.



Fratello, Sicília. “Mas, duas semanas depois de receber o fígado de Nicholas Green, eu andava sozinha.”

Ela e o marido batizaram o filho de Nicholas. “Falamos de Nicholas o tempo todo”, revela Maria. Ela pára e põe a mão no coração. “Sinto que ele está vivo, aqui, dentro de mim.”

É raro passar um dia sem que alguém mande uma carta para a casa dos Greens, na Califórnia, explicando como o efeito Nicholas o emocionou. Muitos receptores de órgãos escrevem: “Acabei de receber um órgão e não sei quem é o doador,

nicas de transplante de órgãos nos Estados Unidos.

Graças ao efeito Nicholas, a doação de órgãos quase triplicou na Itália. E, recentemente, o Parlamento italiano aprovou uma lei de doação presumida. Os adultos que não se pronunciarem especificamente contra a doação de seus órgãos são considerados doadores.

“Sempre me espanta o fato de que um menininho de 7 anos tenha tocado e transformado tantas vidas”, diz Reg Green. “Nicholas teria ficado orgulhoso.”